

## **TRAVESSIAS COMO GEOPOÉTICA: INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DAS ESPACIALIDADES DE ALFREDO NAS OBRAS DALCIDIANAS**

Jackson Sousa dos Santos<sup>1</sup>

Débora Frazão Ferreira<sup>2</sup>

Márcia Aparecida da Silva Pimentel<sup>3</sup>

### **Resumo**

Este artigo busca interpretar as travessias do personagem Alfredo, protagonista das obras de Dalcídio Jurandir, sob uma perspectiva geográfica com aproximações fenomenológicas. Inserido no ciclo romanesco do Extremo Norte, Alfredo vivencia deslocamentos que ultrapassam o movimento físico e se configuram como experiências simbólicas, afetivas e existenciais. A partir da fenomenologia, compreende-se que os percursos do personagem revelam uma geograficidade marcada pela imaginação, pela memória e pelo desejo, em constante diálogo entre o espaço vivido e o espaço imaginado. O estudo mobiliza referenciais de Bachelard (1988), Dardel (2011), Tuan (2018), Gratão (2023) e Marandola Jr. (2014), articulando literatura e geografia como campos complementares na interpretação do habitar humano. Metodologicamente, adota-se uma leitura qualitativa e hermenêutica das narrativas dalcidianas, com base em trilhas interpretativas que permitem captar nuances das espacialidades constituídas no enredo. As travessias de Alfredo são lidas como práticas de reinvenção simbólica e como expressão de uma poética do espaço, em que o cotidiano ribeirinho e a vida urbana se entrelaçam. Ao caminhar, sonhar ou imaginar, Alfredo constrói vínculos que ressignificam lugares, revelando um sujeito espacial em busca de pertencimento, mas também atravessado pelo não pertencimento. Conclui-se que a literatura dalcidiana projeta geografias sensíveis, nas quais o deslocamento é não apenas narrativa, mas condição existencial. Dessa forma, a interface entre geografia humanista e estudos literários reafirma a potência da literatura como campo de investigação espacial, capaz de iluminar as complexidades da experiência humana no mundo.

**Palavras-chave:** Geograficidade, Travessia, Fenomenologia, Literatura Amazônica, Espaço Vivido.

### **ALFREDO, LUGAR E IMAGINAÇÃO: TESSITURAS INICIAIS DAS TRAVESSIAS**

Nascido em Ponta de Pedras, na ilha do Marajó, Dalcídio Jurandir (1909-1979) foi um dos grandes romancistas brasileiros do século XX, com um conjunto de obras profundamente ligadas à Amazônia Paraense. No Ciclo do Extremo Norte, o autor constrói paisagens e personagens marcados por pertencimento, deslocamento e imaginário geográfico. Nesse contexto, surge Alfredo, protagonista das obras, cujas constantes idas e vindas entre espaços urbanos e ribeirinhos moldam sua trajetória.

Alfredo, como principal personagem das obras dalcidianas, carrega em si o desejo constante de transformação de vida. Em *Chove nos Campos de Cachoeira*, primeira obra do

---

<sup>1</sup> Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Doutorando em Geografia pelo PPGeo da Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia e Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

<sup>3</sup> Docente da Faculdade de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA).



ciclo romanesco, ele aparece ainda criança e manifesta o sonho de deixar Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, para alcançar Belém, capital do Pará. Tal aspiração não se limita a um movimento físico, mas revela a busca por melhores condições de existência, evidenciando, desde cedo, o entrelaçamento entre a dimensão subjetiva e o espaço vivido. Nesse sentido, o deslocamento projetado por Alfredo configura-se como uma abertura imaginativa para o futuro, onde o espaço não é apenas cenário, mas elemento constitutivo de sua identidade em formação.

Ao tratarmos Alfredo como sujeito espacial, ressaltamos que sua existência está profundamente marcada pela dialética entre influenciar e ser influenciado pelo lugar no qual se insere. A imaginação geográfica, nesse contexto, adquire centralidade, pois, conforme Bachelard (1988), os devaneios se alimentam das imagens e experiências que o lugar desperta, abrindo possibilidades para outros modos de habitar. De igual maneira, Dardel (2011) compreende a geografia como experiência vivida, na qual o espaço se apresenta como realidade existencial, inseparável da condição humana. Já Seemann (2014) destaca que a literatura pode ser lida como uma cartografia sensível, capaz de revelar espacialidades que os mapas tradicionais não alcançam. Assim, o percurso de Alfredo expressa uma cartografia literária, na qual o espaço amazônico se revela tanto como limite quanto como horizonte de possibilidades, atravessado pela memória, pela imaginação e pelo desejo de travessia.

As travessias empreendidas por Alfredo são, em sua origem, impulsionadas por um desejo de transformação e ampliação de horizontes existenciais — um impulso partilhado por muitos habitantes do arquipélago do Marajó. Tais deslocamentos revelam uma geografia do ir e vir que atravessa o cotidiano dos ribeirinhos marajoaras, cuja vida é profundamente entrelaçada aos fluxos constantes entre os interiores das ilhas e a capital Belém.

Os deslocamentos cotidianos dos ribeirinhos marajoaras configuram uma geografia do ir e vir que, mais do que um simples movimento físico, revela uma experiência existencial e simbólica enraizada no território. Esses fluxos constantes entre as ilhas e a capital Belém se entrelaçam a um imaginário coletivo que atribui sentidos múltiplos ao espaço vivido, materializando, assim, uma geografia literária e cultural. Como destacam Cravidão e Marques (2000), as narrativas, sejam elas de vida ou de ficção, inscrevem-se em territórios que não são apenas cenários, mas parte constitutiva das experiências humanas.

Nesse sentido, pensar a literatura em sua dimensão geográfica implica reconhecer que a narrativa transita entre o local e o universal, entre o tempo vivido e o tempo literário. Essa articulação evidencia uma geograficidade que se projeta para além do contexto imediato, mas sem dele se desvincular. Como observa Gratão (2010), a poética literária pode ser

compreendida como expressão da experiência vi(vi)da nos lugares, revelando modos sensíveis de habitar que articulam memória, imaginação e pertencimento. O desafio, contudo, permanece no campo acadêmico: ainda se observa certa timidez na aproximação entre Geografia e literatura contemporânea, sobretudo em expressões pós-modernas, onde os elementos espaciais emergem de forma mais fluida, fragmentária e simbólica.

A partir dessa perspectiva, torna-se fundamental ampliar os diálogos entre geografia, literatura e cultura, reconhecendo a potência das narrativas em revelar geografias outras, marcadas pela experiência sensível e pela memória. Como observa Seemann (2007), a geograficidade emerge da poética do espaço, evidenciando como o vivido e o imaginado se entrecruzam na produção de paisagens significativas. Nesse horizonte, os deslocamentos ribeirinhos e sua inscrição literária constituem não apenas práticas espaciais, mas também formas de resistência e reinvenção simbólica, capazes de aproximar o particular amazônico das discussões universais sobre espacialidade e identidade.

Nesse fluxo, as travessias não se tratam apenas de percorrer distâncias físicas, mas de habitar uma experiência espacial moldada pela travessia — ora necessária, ora desejada — em busca de sentido, sobrevivência ou pertencimento. A figura de Alfredo encarna esse vaivém fluvial, carregando consigo os gestos, os silêncios e as marcas de um povo que se move pelas águas como quem lê e escreve o lugar com o corpo. Em Dalcídio Jurandir, o deslocamento é mais do que passagem: é enredo, é chão narrativo, é geograficidade que se desdobra entre o real e o imaginado.

Temos como objetivo interpretar, sob uma perspectiva geográfica e com aproximações fenomenológicas, os deslocamentos e as experiências espaciais vivenciadas por Alfredo. A interpretação visa desvelar os sentidos e vínculos construídos nos percursos do personagem, revelando as camadas simbólicas e afetivas que constroem sua espacialidade e geograficidade. Ao percorrer a Amazônia literária dalcidiana, Alfredo realiza travessias que revelam não apenas movimentos físicos, mas também dimensões simbólicas, afetivas e existenciais. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender como o ir e vir do personagem contribui para a construção de uma geografia literária marcada por múltiplos vínculos com o lugar.

A proposta de analisar os deslocamentos e parte das experiências espaciais de Alfredo, personagem central das obras dalcidianas, fundamentam-se na relevância de se compreender a construção literária dos espaços a partir da interação entre sujeitos e lugares. Ao assumir Alfredo como um sujeito espacial, busca-se evidenciar as dinâmicas afetivas, sociais e simbólicas que estruturam a espacialidade nas narrativas dalcidianas.



A abordagem justifica-se pela possibilidade de ampliar os diálogos entre Geografia e Literatura, reconhecendo a literatura como espaço de interpretação de práticas espaciais e representações territoriais. A perspectiva fenomenológica busca captar a experiência vivida no espaço, valorizando percepções e movimentos na ficção e na realidade urbana. Assim, nossa escrita fortalece a interface entre geografia humanista e estudos literários, evidenciando como narrativas de deslocamento e habitação possibilitam leituras sensíveis e críticas do lugar.

### **CAMINHOS METODOLÓGICOS: TRILHAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO**

Do ponto de vista metodológico, este estudo estrutura-se em uma abordagem qualitativa com aproximação fenomenológica, entendendo a literatura como expressão sensível das experiências espaciais. A escolha dessa perspectiva se justifica pelo reconhecimento de que o texto literário é portador de múltiplas camadas de sentidos que atravessam o vivido, o imaginado e o simbólico. Ao assumir tal postura, compreende-se que a literatura pode ser lida como um espaço de revelação do ser-no-mundo, em que se tornam visíveis os modos de habitar e de atribuir significados aos lugares. Essa perspectiva aproxima a análise da experiência existencial, já que, ao invés de limitar-se ao campo objetivo e material da espacialidade, volta-se para a interioridade do sujeito que vivencia e ressignifica o espaço. Nesse sentido, a fenomenologia aparece como caminho privilegiado para apreender a profundidade das experiências narradas por Dalcídio Jurandir.

A discussão foi construída a partir da leitura atenta e reiterada das obras de Dalcídio Jurandir que compõem a trajetória de Alfredo, personagem central para esta investigação. O processo consistiu em um movimento hermenêutico de aproximação, no qual a leitura buscou identificar e interpretar as experiências espaciais e existenciais vividas pelo personagem. Alfredo, mais do que um elemento ficcional, foi compreendido como um sujeito espacial, cuja trajetória literária permite entrever modos específicos de habitar, deslocar-se e construir vínculos com os lugares. Essa leitura enfatiza o caráter simbólico de seus gestos, suas escolhas e suas travessias, reconhecendo que cada movimento carrega sentidos que ultrapassam a narrativa e se projetam no campo da imaginação geográfica. A atenção às vivências do personagem revelou-se, portanto, como eixo fundamental para a elaboração do caminho metodológico aqui adotado.

A sistematização da leitura se deu a partir de categorias fenomenológicas de análise, construídas em diálogo com os aportes de Gratão (2023), Marandola Jr. e Oliveira (2009) e Dardel (2011). Esses autores oferecem referenciais sólidos para pensar o espaço não como simples cenário ou suporte da ação humana, mas como dimensão constitutiva da própria

existência e condição de possibilidade do viver. Sob tal perspectiva, o espaço se apresenta como trama de significados que dá forma às experiências e orienta o sentido do estar-no-mundo. A fenomenologia, nesse ponto, fornece os instrumentos para captar a essência das experiências relatadas, permitindo que a interpretação literária não se limite ao enredo ou à descrição, mas acesse o modo como o personagem se insere, sente e transforma os lugares. Assim, o método assume um caráter sensível e interpretativo, voltado para a complexidade das vivências humanas.

Nesse horizonte metodológico, destaca-se a noção de trilhas interpretativas proposta por Gratão (2023), mobilizada como caminho para a leitura das espacialidades nas travessias de Alfredo. As trilhas, concebidas como caminhos analíticos, funcionam como guias que orientam o pesquisador na tarefa de seguir os rastros deixados pelo personagem em sua relação com os lugares. Essa perspectiva metodológica não apenas direciona o olhar, mas também sugere que o percurso da análise é sempre aberto, múltiplo e sujeito a desvios. As trilhas permitem captar nuances do habitar literário, desvelando camadas simbólicas que, à primeira vista, poderiam permanecer encobertas. Assim, a noção de trilha reforça o caráter processual e interpretativo da leitura fenomenológica, aproximando-a da dinâmica mesma da experiência vivida, que se constrói em deslocamentos, pausas e retomadas.

A partir desse recurso metodológico, tornou-se possível compreender como Alfredo se inscreve nos lugares, como se apropria deles e como os ressignifica a partir de vínculos afetivos e simbólicos. Essa inscrição não ocorre de maneira neutra ou distanciada, mas está atravessada por sentimentos, memórias e afetos que dão sentido às experiências. O habitar, nesse contexto, aparece como gesto que ultrapassa a materialidade, pois envolve a relação íntima do sujeito com o espaço e a capacidade de transformá-lo em lugar de pertencimento. A análise literária, ao seguir essas trilhas, revelou a força da imaginação e da memória como elementos estruturantes da espacialidade de Alfredo. Com isso, a fenomenologia se mostra como método capaz de iluminar a densidade subjetiva do habitar, conferindo à literatura um estatuto privilegiado na compreensão do espaço vivido.

A fenomenologia, nesse percurso, efetiva-se como método que privilegia a escuta e a interpretação da vivência, fazendo emergir uma geograficidade que não se reduz ao aspecto físico ou mensurável do espaço. Trata-se de uma geograficidade existencial, marcada pela presença, pelos afetos e pela historicidade do sujeito. A experiência espacial, nesse sentido, não pode ser entendida como um dado objetivo, mas como vivência que se inscreve no corpo e na memória. A leitura fenomenológica da obra de Dalcídio permite, assim, captar a densidade dessa geograficidade, que se revela nas travessias, nos deslocamentos e nos

vínculos de Alfredo com os lugares. Ao privilegiar a subjetividade e a interioridade, a fenomenologia abre caminhos para uma leitura que integra corpo, imaginação e afeto na construção do espaço literário.

Com base nas contribuições de Marandola Jr. e Oliveira (2009) e de Dardel (2011), a metodologia adotada compreende o lugar como dimensão ontológica do estar-no-mundo. O lugar é entendido, portanto, não apenas como posição geográfica, mas como horizonte existencial no qual o sujeito constrói sua experiência e sua identidade. Essa concepção permite reconhecer no universo literário dalcidiano uma geografia da experiência, na qual cada deslocamento de Alfredo não se reduz a movimento físico, mas adquire profundidade simbólica. As travessias revelam modos singulares de habitar, configurando paisagens de sentido que articulam memória, imaginação e afetividade. Dessa forma, a fenomenologia fornece as ferramentas para captar essa dimensão ontológica do lugar, iluminando aspectos que apenas a literatura consegue expressar de maneira tão sensível e fecunda.

Ao articular as contribuições de Gratão (2023), Marandola Jr. e Oliveira (2009) e Dardel (2011), foi possível construir um caminho metodológico atento às tessituras existenciais e imaginativas do personagem Alfredo. Essa articulação não apenas legitima a fenomenologia como abordagem pertinente, mas também amplia as possibilidades de interpretação da literatura enquanto espaço de revelação do habitar humano. A metodologia aqui apresentada, ao conjugar categorias fenomenológicas e trilhas interpretativas, estabelece um horizonte analítico que permite compreender como a obra de Dalcídio Jurandir projeta geografias sensíveis, nas quais o personagem se afirma como sujeito espacial. Reafirma-se, assim, a potência da literatura como campo de investigação geográfica e da fenomenologia como método capaz de dialogar com sua densidade poética e existencial.

## **ESPACIALIDADES EM MOVIMENTO: TRAVESSIAS DE ALFREDO**

Alfredo, protagonista da saga dalcidiana, é o principal sujeito espacial nas narrativas de Dalcídio Jurandir. Nascido em Cachoeira do Arari, projeta como meta existencial a travessia até Belém, buscando, pelos estudos, transformar sua vida. De *Chove nos Campos de Cachoeira* a *Ribanceira*, seus deslocamentos revelam processos existenciais e simbólicos do habitar amazônico. Como afirma Dardel (2011), o homem só existe ao se inscrever na espacialidade do mundo, e Alfredo encarna essa busca constante de si mesmo.

As travessias de Alfredo devem ser compreendidas não apenas como deslocamentos geográficos, mas como movimentos geopoéticos nos quais experiências, encontros e memórias se entrelaçam, contribuindo para a construção da dimensão simbólica dos lugares.

Cada trajetória do personagem revela como o espaço se inscreve na subjetividade, tornando-se um palco onde sentidos e afetos se entrelaçam, dando forma a uma experiência de habitar singular. Nesse movimento, Alfredo não apenas percorre o espaço, mas recria e ressignifica os lugares, incorporando a materialidade do território à sua própria narrativa existencial. O deslocamento, portanto, assume caráter de experimentação poética, em que o caminhar se torna gesto de percepção sensível, capaz de revelar a essência das relações entre corpo, memória e paisagem.

Essa perspectiva encontra diálogo com Silva (2017), que interpreta o habitar ribeirinho como prática estética e poética, na qual a vivência cotidiana se entrelaça com o espaço de maneira sensível e criativa. Ao percorrer rios, florestas e ruas de Belém, Alfredo realiza uma fenomenologia do espaço, atribuindo significado existencial aos lugares e transformando o simples ato de deslocar-se em experiência estética, emocional e interpretativa. Cada percurso se torna oportunidade de estabelecer vínculos afetivos e simbólicos, revelando a dimensão subjetiva do espaço enquanto território de memória e de imaginação. Assim, as travessias do personagem não se limitam ao movimento físico, mas configuram formas de habitar que dialogam com a literatura, a geografia e a experiência humana.

Além disso, tais travessias ilustram o que Souza Júnior e Almeida (2022) denominam como texturas e existências, na medida em que cada espaço percorrido é tecido pela corporeidade da experiência e pela memória afetiva. A caminhada de Alfredo torna-se, assim, uma prática interpretativa do mundo, na qual a imaginação do habitar — conforme sugere Grato (2023) — é fundamental para compreender a espacialidade vivida. Nesse contexto, o personagem não apenas percorre lugares, mas os (re)constrói simbolicamente, convertendo o ato de ir e vir em gesto de afirmação da vida e da pertença territorial.

Caminhando nessa perspectiva, as travessias de Alfredo no universo dalcidiano assumem dimensões simbólicas que vão além do deslocamento físico, articulando memória, imaginação e desejo. Nos campos alagados de Cachoeira do Arari, o personagem experimenta a relação íntima entre lugar e subjetividade, na qual cada elemento da paisagem é incorporado à construção de sentidos. O caroço de tucumã, nesse contexto, transcende sua materialidade e atua como mediador sensível entre o espaço vivido e os horizontes imaginados, configurando-se como ponto de conexão entre o rural e o urbano, o presente e o futuro, o concreto e o simbólico.

Essa experiência ilustra o devaneio poético proposto por Bachelard (1988), no qual o artefato cotidiano assume papel de veículo de travessia, abrindo espaço para aspirações e





projeções futuras. Ao sonhar com Belém, Alfredo mobiliza o espaço como lugar de esperança e possibilidades, e o carço torna-se instrumento que traduz afetos, expectativas e experiências do mundo vivido em uma linguagem poética. Assim, a espacialidade dalcidiana é atravessada pelo imaginário e pelo sentimento, e as travessias do personagem revelam-se como processos de ressignificação do lugar, nos quais a literatura funciona como um espaço de experimentação existencial e geopoética.

A simbologia do deslocamento imaginário reforça a ideia de lugar como construção sensível e subjetiva, onde o lugar é uma representação moldada por afetos e vivências. Ao sonhar com Belém enquanto caminha pelos campos marajoaras, Alfredo realiza uma territorialização pelo sonho, evidenciando, como destaca Dardel (2011), a ancoragem existencial do ser na espacialidade. Assim, a travessia começa no imaginário, moldando os deslocamentos físicos posteriores. A construção simbólica da travessia de Alfredo dialoga com a prática interpretativa do habitar. Enquanto seus deslocamentos físicos tecem a relação existencial com o mundo, o movimento simbólico inaugura o que Gratão (2010) chama de “aprofundamento do telúrico nos devaneios do repouso”, recriando a casa e o mundo pela memória e aspiração. O caminhar e o devaneio se entrelaçam na narrativa, permitindo que a Terra seja descrita, (re)vivida e sonhada, como ocorre com Alfredo.

Ao observar as travessias de Alfredo, percebe-se que sua mobilidade transcende o simples deslocamento físico, configurando-se como um processo de construção e ressignificação do lugar. A mudança de Cachoeira do Arari para Belém envolve não apenas a geografia concreta, mas também uma dimensão existencial, na qual a vivência transforma o espaço em lugar, conforme ressalta Tuan (2018) em sua abordagem humanística. Nessa perspectiva, compartilho a leitura de Lima (2000), que evidencia como a percepção da paisagem se dá por meio da sensibilidade do sujeito, permitindo que Alfredo se aproprie simbolicamente dos espaços que atravessa e revele sua geograficidade, marcada pela intensidade afetiva e pela memória ligada aos lugares.

Compreender Alfredo como sujeito espacial implica considerar também a poética do espaço, em que a apropriação do ambiente se entrelaça com sentidos culturais e experiências subjetivas. Seemann (2007) aponta que a geograficidade manifesta-se nas interações entre sujeitos e paisagens, trazendo à tona dimensões simbólicas e cognitivas que não se reduzem ao visível. Nessa perspectiva, observo que as travessias de Alfredo refletem movimentos internos de percepção e interpretação do mundo, dialogando com a proposta de Oliveira (2006) sobre a representação cognitiva do mundo interior, na qual o sujeito constrói mapas mentais e simbolizações do espaço vivido.



A análise dessas experiências pode ser aprofundada ao articular a dimensão sensível do habitar com a reflexão sobre o conteúdo geográfico em obras literárias, proposta por Monteiro (2002). O mapa, nesse contexto, não se limita a coordenadas cartográficas, mas se converte em trama que entrelaça personagens, lugares e temporalidades. Em meu olhar enquanto pesquisador, Alfredo se apresenta como um agente que percorre caminhos concretos e imaginários, revelando a complexidade das travessias humanas e espaciais, e permitindo compreender a literatura como um campo fértil para investigar geograficidade, subjetividade e a construção de sentidos nos lugares que se vive.

Esse caminhar, imerso em incertezas e possibilidades, reforça a ideia que o espaço vivido é atravessado por percepções, memórias e representações que moldam a experiência do mundo. Alfredo, ao movimentar-se, desenha mapas interiores e mentais que não apenas reproduzem o lugar físico, mas também constroem novos sentidos para o seu estar-no-mundo. Assim, em diálogo com as reflexões anteriores, sua jornada reafirma a incompletude e a abertura da experiência espacial, onde cada travessia representa não a chegada, mas o prolongamento do desejo, a reinvenção contínua do sentido de lugar.

Sendo assim, as travessias de Alfredo, nas páginas dalcidianas, expressa não apenas o movimento físico de deslocamento, mas também a constante busca por pertencimento e sentido de lugar. Ao caminhar, atravessar igarapés ou simplesmente sonhar diante dos campos, o personagem revela-se como sujeito espacial que vive a tensão entre sentir-se parte de um território e, ao mesmo tempo, experimentar o não pertencimento. Essa condição ressoa naquilo que Oliveira (2012a) entende como o sentido de lugar, marcado pela experiência e pela relação subjetiva que se estabelece no contato com o espaço vivido, sempre aberto e processual.

A imaginação de Alfredo funciona como refúgio diante das incertezas da vida cotidiana. As noites queimadas, descritas em sua percepção, assumem um tom simbólico que vai além do cenário natural e se converte em imagem poética. Bachelard (2003) lembra que os devaneios do repouso possibilitam ao homem adentrar no espaço íntimo, onde o imaginário cria novos sentidos para o habitar. No caso de Alfredo, o fogo nos campos e o gemido da terra projetam um espaço onírico em que a paisagem se mistura às inquietações interiores, revelando a potência da imaginação na construção da espacialidade.

Nesse horizonte, as espacialidades vividas por Alfredo apresentam-se de formas diversas, desde os campos alagados na estação chuvosa até os horizontes abertos que, em outros momentos, lhe oferecem esperança. Marandola Jr. (2014a) propõe compreender a paisagem como um sentir em mistura do ser lançado no mundo, isto é, uma experiência que

ultrapassa a simples percepção objetiva. Em Alfredo, essa mistura entre o real e o vivido manifesta-se nos campos que ora assustam com sua densidade escura, ora convidam com promessas de liberdade, constituindo um espaço sensível em permanente transformação.

As viagens imaginativas do menino ampliam sua experiência do mundo, ainda que não ultrapassem os limites físicos de Cachoeira. Bachelard (1988a) ressalta que a poética do espaço permite ao sujeito transformar o lugar íntimo em um universo de possibilidades, onde o pequeno pode se tornar infinito. Quando Alfredo brinca com a bolinha de tucumã e a transforma em amiga, abre-se uma travessia simbólica em que o objeto comum adquire densidade existencial. Esse gesto revela como a imaginação, ao mesmo tempo que cria, se ancora em elementos simples do cotidiano, ressignificando-os.

O cotidiano de Alfredo, permeado por precariedades materiais, também expressa o desejo de superação. Certeau (1994) observa que as artes de fazer do dia a dia permitem ao sujeito reinventar práticas e resistir às limitações impostas. O menino, que convive com a pobreza das barracas e sente a instabilidade do chalé, projeta em Belém a possibilidade de uma nova vida. Essa tensão entre o lugar de origem e o lugar sonhado mostra a travessia como um gesto de invenção cotidiana, no qual o deslocamento se torna uma estratégia de sobrevivência e de esperança.

Nessa perspectiva, as travessias de Alfredo não podem ser reduzidas a simples deslocamentos geográficos, mas devem ser compreendidas como experiências que configuram sua identidade espacial. Besse (2011) sublinha que a geografia existencial de Dardel está fundada na realidade da experiência, na relação concreta entre homem e mundo. Alfredo, ao se deslocar física ou imaginativamente, reforça essa condição existencial do habitar, revelando a profunda ligação entre movimento e subjetividade, entre espaço percorrido e sentido atribuído ao lugar.

A solidão do menino, muitas vezes expressa pela ausência de quem o guiasse, amplia o valor simbólico de sua imaginação. Marandola Jr. (2007) lembra que a geografia humanista busca compreender o conhecimento a partir da experiência concreta e sensível. Ao transformar a bolinha de tucumã em companheira fiel, Alfredo constrói uma geografia íntima, marcada por vínculos afetivos que emergem de sua própria necessidade de pertencimento. A imaginação não substitui a realidade, mas a enriquece, permitindo-lhe suportar a solidão e encontrar sentido em sua travessia existencial.

Essa dimensão afetiva da paisagem também se relaciona com a visão de Besse (2014a), que compreende a paisagem como forma de ver a Terra, resultado de uma relação estética e existencial entre sujeito e espaço. Alfredo, ao contemplar os campos ou ao ouvir o

vento nas janelas, constrói uma paisagem que é, ao mesmo tempo, externa e interna. Ele não apenas observa o mundo, mas projeta nele suas angústias e desejos, revelando como a experiência espacial é inseparável da subjetividade que a percebe e a narra.

Assim, o personagem dalcidiano inscreve-se em uma geografia que é tanto literária quanto existencial. Moreira (2021) demonstra que o ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir revela narradores e personagens que, ao transitar por espaços amazônicos, produzem uma narrativa do extremo norte marcada por tensões entre permanência e mobilidade. Alfredo, nesse contexto, é figura que encarna o sujeito em travessia, em constante diálogo entre o mundo vivido e o mundo imaginado, entre o pertencimento buscado e o deslocamento inevitável.

Nesse movimento, a travessia de Alfredo evidencia que a experiência do espaço não se limita à dimensão física, mas se estende ao campo da percepção e da sensibilidade. Marandola Jr. (2014a) reforça que a paisagem é vivida como mistura do ser lançado no mundo, na qual o olhar, o corpo e a memória se entrelaçam. Nesse sentido, cada deslocamento do personagem constrói camadas de significado, fazendo com que o espaço percorrido seja simultaneamente território de experiências afetivas e laboratório de reinvenção identitária. A geografia literária, portanto, se configura como instrumento de compreensão da existência e do habitus do sujeito em travessia.

Portanto, a travessia de Alfredo é expressão de uma espacialidade em aberto, que se renova a cada experiência, seja no contato com os campos, no desejo de ir para Belém ou na invenção poética de sua imaginação. Nesse movimento, como aponta Besse (2011), habitar é sempre um gesto inacabado, um processo de construção contínua da existência. Alfredo não encontra um lugar definitivo, mas vive a travessia como modo de ser no mundo, reafirmando que a geografia literária é, antes de tudo, um espaço de revelação da condição humana diante do espaço e de seus múltiplos sentidos.

## **ALFREDO E SUAS GEOGRAFICIDADES: TESSITURAS FINAIS DAS TRAVESSIAS**

As travessias de Alfredo ao longo das obras dalcidianas revelam um movimento incessante em direção a um horizonte que, embora desejado, nunca se configura plenamente. Essa constante busca ressoa naquilo que Marandola Jr. e Oliveira (2009) denominam de geograficidade: uma maneira existencial de ser no espaço, marcada pela experiência viva da espacialidade. Alfredo atravessa rios, igarapés, ruas e cidades em um fluxo que ultrapassa a simples locomoção física, instaurando uma espacialidade sentida, sonhada e experimentada, em

que cada deslocamento é uma tentativa de aproximação de si mesmo e daquilo que imagina como “seu lugar”.

A cada passo, emerge também a dimensão poética da travessia, que não se limita ao deslocamento material, mas se expande para a esfera do imaginário. Nesse sentido, Bachelard (1985) lembra que o ato de sonhar abre possibilidades de compreensão do mundo que escapam à lógica racional. Em Alfredo, esse direito ao sonho se manifesta na forma como a travessia se entrelaça ao desejo, ao afeto e à memória, convertendo o espaço vivido em território de experiências sensíveis e múltiplas.

Entendemos que o sentido de lugar não é uma entidade fixa, mas algo continuamente construído pela experiência. Para Alfredo, as passagens por Cachoeira, Belém, Muaná e outras localidades não resultam em um pertencimento definitivo, mas em sucessivas reformulações identitárias. Suas travessias revelam o caráter aberto e processual da experiência geográfica, onde cada encontro transforma e é transformado pela subjetividade do viajante.

Essa construção contínua do lugar pode ser compreendida como um exercício de escrita e reescrita da própria existência. Rui Jacinto (2015) observa que narrar o espaço é também descrevê-lo e reinventá-lo, e nas passagens de Alfredo tal movimento se evidencia como um processo narrativo e experiencial. Cada deslocamento é, assim, um gesto de reinscrição, no qual o sujeito projeta sentidos ao mesmo tempo em que é por eles atravessado.

Esse caráter aberto da jornada de Alfredo encontra respaldo nas reflexões de Seemann (2014), ao tratar da literatura como uma forma de cartografia existencial. Nas travessias do personagem, as fronteiras entre o real e o imaginado se diluem, tal como nas cartografias literárias, onde o espaço é narrado não como dado, mas como construção simbólica e afetiva. Assim, o ir e vir de Alfredo não apenas mapeia lugares físicos, mas inscreve percursos interiores, reafirmando a literatura como um espaço de revelação da complexidade da espacialidade humana.

A experiência do caminhar, como destacam Marandola Jr., Paula e Fernandez (2007), traz consigo a dimensão do olhar e da percepção, elementos que ampliam o contato com o espaço vivido. Ao acompanhar Alfredo, compreendemos que sua travessia não se limita ao deslocamento, mas abarca uma leitura sensível do mundo, em que paisagens, gestos e encontros se convertem em marcas de sua própria constituição existencial.

Desse modo, a travessia assume também uma função pedagógica e formativa. Alfredo aprende com os lugares, mas também ensina, ao revelar que a experiência espacial é sempre processo e nunca fixidez. O espaço vivido adquire um caráter dialógico, onde o



indivíduo e o território se entrelaçam em um movimento recíproco, demonstrando que a identidade não se constrói sem o vínculo com os lugares atravessados.

Ao nos aproximarmos dos últimos passos da travessia, reconhecemos que a experiência do lugar é sempre aberta à reinvenção. Não há um ponto final na trajetória de Alfredo, há apenas novas possibilidades de sentido que se desdobram a partir das experiências vividas. A travessia, portanto, permanece em aberto, convidando o leitor a partilhar dessa geograficidade de busca, incerteza e esperança, em que o espaço vivido é simultaneamente herança do passado e promessa de novos caminhos.

Assim, a literatura dalcidiana nos conduz a pensar a espacialidade como um campo de permanentes descobertas e recriações. O percurso de Alfredo, marcado por deslocamentos e reinvenções, ecoa uma geografia existencial que convida à reflexão sobre o próprio habitar humano. Ao final, compreendemos que a travessia não se esgota no personagem, mas se estende ao leitor, que é igualmente chamado a revisitar suas próprias experiências de lugar e a reconfigurar sua relação com o mundo.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Trad. Remberto F. Kuhnen, Antônio da Costa e Lúcia V. S. Leal. São Paulo: Nova Cultura, 1988a.

\_\_\_\_\_. **O direito de sonhar**. Trad. José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lucia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel. São Paulo: DIFEL, 1985.

\_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BESSE, J. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014a.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRAVIDÃO, Fernanda D.; MARQUES, Marco. Literatura e geografia: outras viagens, outros territórios. Emigrantes de Ferreira de Castro. **Caderno de Geografia**, Coimbra, n. 19, 2000, p. 23-27.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad. Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011.

Editora, 2019.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Trilhas Interpretativas... O caminhar pela imaginação do habitar na terra. In: MARANDOLA JR., Eduardo, HOLZER, Werther, BATISTA Gustavo Silvano. (Orgs). **Portais da Terra: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 1**. Teresina: EDUFPI, 2023. p.81-143.

\_\_\_\_\_. Por entre becos & versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. IN: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. (org.) **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p. 297-328.

\_\_\_\_\_. Aprofundando o telúrico nos devaneios do repouso para encontrar a casa. I Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. **Anais [...]** Niterói, 2010. p.8.

JACINTO, Rui. (D)escrever a Terra: geografia, literatura, viagem. A geografia de Portugal segundo José Saramago. **Geographia**, Niterói, v, 17, n. 33, p. 9-41, 2015.

JURANDIR, Dalcídio. **Choves nos Campos de Cachoeira**. 8ª ed. – Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. **Marajó**. 2ª ed. Editora Cátedra, Belém, 1978.

\_\_\_\_\_. **Três Casas e um Rio**. 4ª ed. – Bragança: Pará.grafo Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. **Belém do Grão-Pará**. 2ª ed. Livraria Martins Editora, Belém, 1969.

\_\_\_\_\_. **Passagem dos Inocentes**. 1ª ed. Livraria Martins Editora, Belém, 1963.

\_\_\_\_\_. **Primeira Manhã**. 1ª ed. Livraria Martins Editora, Belém, 1967.

\_\_\_\_\_. **Ponte do Galo**. 2ª ed. – Bragança: Pará.grafo Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. **Os Habitantes**. 2ª ed. – Bragança: Pará.grafo Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. **Chão dos Lobos**. 2ª ed. – Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. **Ribanceira**. 2ª ed. – Bragança: Pará.grafo Editora, 2020.

LIMA, Solange T. de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 7-33, jul./dez. 2000.

MARANDOLA JR., Eduardo. Geosofia e humanismo: do conhecimento geográfico à geografia do conhecimento. In: KATUTA, Ângela M.; SILVA, William R. da (org.). **O Brasil frente aos arranjos espaciais do século XXI**. Londrina: Humanidades, 2007. p. 269-298.

\_\_\_\_\_. Um sentido fenomenológico de paisagem: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. Texto-base da conferência proferida no “**Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem**”, realizado dias 9 e 10 de Abril de 2014a, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v.34, n.3, p.487-508, set./dez. 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo.; PAULA, F. C. de; FERNANDEZ, Pablo Sebastian Moreira. A experiência do caminhar e do olhar: três percursos na Ponte Preta. **RUA**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 61-78, 2007.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O mapa e a trama: ensaios sobre o conte’do geográfico em criações romanesecas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. 242 p. TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

MOREIRA, Alex Santos. **Narradores do Extremo Norte: o ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir**. 2021. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2021.

OLIVEIRA, Livia. Representação cognitiva do mundo interior. In: OLIVEIRA, Livia; FERREIRA, YoshyaN.; GRATÃO, Lúcia H.B.; MARANDOLA JR., Eduardo (Org.) **Geografia, percepção ecognição do meio ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p.35-47.

\_\_\_\_\_. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo et al. (org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012a. p. 3-16.

SEEMANN, Jörn. Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico, Goiania**, v. 1, n. 1, p. 50-73, set. 2007. Disponível em:< <http://www.kweik.com.br/atelie>>. Acesso em: fev. 2008.

SEEMANN, Jörn. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. **Ra'ega: o Espaço Geográfico em Análise**, v. 30, 2014, p. 85-105.

SILVA, Felipe Kevin Ramos da. A geopoética do habitar na Amazônia-Marajoara (Pará): fenomenologia da experiência ribeirinha. **Geograficidade** | v.7, Número 2, Inverno 2017.

SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de., ALMEIDA, Maria Geralda de. “Ninguém ouviu melhor cada um em casa”: lugar, texturas e existências na Lavoura Arcaica de Raduan Nassar. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXXIII, n. 2, Edição Especial. Dezembro, 2022. p. 24-38.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v.8, n. 1. 2018.